

Gilberto Freyre, em 1950

CDU 869.0 (81) Freyre 7.07 Talvez Poesia

TALVEZ POESIA

Carlos Drummond de Andrade

Trecho de crônica publicada no *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) de 31 de maio de 1962, 1o. caderno, p. 6, sob o título "De livros" na seção "Imagens no tempo". Sendo o maior poeta brasileiro, além de notável prosador, o autor dispensa apresentação.

E por falar em livros, quero saudar o mais jovem poeta do Brasil, que estréia sob a égide de um coqueiro e uma jangada, postos na capa da edição José Olympio. Chama-se Gilberto Freyre, e duvido por algum dos senhores e senhoras nunca tenha ouvido falar nesse nome glorioso. Pois se existir êsse algum, dê um passo à frente, abra o livro *Talvez poesia* e trave relações com o poeta. Ficará espantado ao saber que êsse poeta é um sociólogo, e terá de rever as noções, que acaso cultive, sobre distinção entre ciência e arte, prosa e poesia, estruturas rítmicas e sonoras consubstanciais à poesia. A verdade é que os versos se deixam desentranhar da prosa clara, corrente, colorida e plástica de Gilberto Freyre, e se organizam em poema, como se obedecessem ao comando e à técnica do poeta de ofício. Resta um mistério nessa "conversão" de unidade prosística a verso, ou dessa revelação de verso dormindo na prosa: o próprio mistério da criação literária, jamais desvendado pelos que aplicam métodos estilísticos à análise dos textos, pois êstes, quando bons, contêm sempre alguma coisa mais do que parecem conter — e sobretudo uma coisa diversa, como que uma bonificação graciosa. Não é necessário fazer com os textos gilbertianos o que Pius Servien fêz com a prosa de Chateaubriand para identificar nêles a magia poética. Nessa "alguma coisa" está a poesia exata e irreprimível de Gilberto Freyre, e o bom leitor que a sinta.